

## POR QUE PRIMAVERA?

Um ensaio sobre flores de gema,  
bichos de metais e pedras que cantam | Tatiele Café<sup>1</sup>

### Introdução

era um quintal ensombrado, murado alto de pedras. as macieiras tinham maçãs temporãs, a casca vermelha de escuríssimo vinho, o gosto caprichado das coisas fora do seu tempo desejadas. ao longo do muro eram talhas de barro. eu comia maçãs, bebia a melhor água, sabendo que lá fora o mundo havia parado de calor. depois encontrei meu pai, que me fez festa e não estava doente e nem tinha morrido, por isso ria, os lábios de novo e a cara circulados de sangue, caçava o que fazer para gastar sua alegria: onde está o meu formão, minha vara de pescar, cadê minha binga, meu vidro de café? eu sempre sonho que uma coisa gera, nunca nada está morto. o que não parece vivo, aduba. o que parece estático, espera.

(Adélia Prado)

Cresci em uma casa simples, brasileira, no Recôncavo da Bahia. A porta dos fundos dava para uma grande riqueza, um enorme quintal com pés de cana, acerola, laranja e capim cidreira que perfumava a casa nas noites de chás e infusão, um oásis na cidade. Depois das chuvas finas de outono, cigarras e tanajuras apareciam aos montes e divertiam crianças travessas, e nos dias de calor, borboletas amarelas voavam baixo como se pedissem um copo d'água. Bem ali, sob um frondoso pé de acerola vermelha eu imaginava o mundo. Eu sonhava com casas de paredes branquinhas e seus jardins com cerca de plantas simétricas.

De tanto desejar, o jardim finalmente veio. E veio como um convite para um mergulho no tempo e na Arte. Seria possível construir flores-plantas-bichos a partir de minerais? Seria possível falar de pedras preciosas sem citar jóias e pingentes em formato de coração? A provocação me pareceu ambiciosa e eu estava disposta a ver nascer espécies inéditas de bicho-arte-flor-arte-planta-arte.

Depois de março de 2020<sup>2</sup> quando o mundo inteiro foi convidado a olhar para dentro de si e dos seus espaços mais íntimos, a atividade artística também pareceu ganhar um novo sentido. Os ambientes digitais passaram a ser mais do que um espaço de troca de *e-mails*,

---

<sup>1</sup> Escritora e doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal da Bahia. Ensaio produzido durante a Residência Artística do Programa CoMciência 2021, Museu das Minas e do Metal (MM Gerdau). Contato: [tatiele.edu@gmail.com](mailto:tatiele.edu@gmail.com)

<sup>2</sup> Em março de 2020 o mundo inteiro entrou em quarentena como medida sanitária de contenção da propagação do vírus COVID-19 que tirou a vida de cerca de 600.000 mil pessoas somente no Brasil. O confinamento se estendeu por 18 meses até a data deste ensaio em 30 de novembro de 2021.

envio de projetos, pesquisa de editais e divulgação de abertura de exposições, tornou-se um espaço-casa-escritório-ateliê-vernissage-estúdio-museu-residência\_artística. Um vírus, invisível como o virtual, nos obrigou a repensar meios e formatos. E para que artistas e instituições pudessem seguir produzindo e criando, fez-se necessário pensar outros caminhos que não mais aqueles que nossos pés de artistas e fomentadores sabiam trilhar.

Instituições de arte do mundo inteiro se viram obrigadas a reinventar a forma de existir dos seus acervos e projetos educativos, e nesse entremeio entre pensar e realizar, com o objetivo de que o tempo nos desse, talvez, respostas precisas e refrigério para um momento tão delicado, o Museu das Minas e do Metal - MM Gerdau - através do Programa CoMciência, selecionou a mim e outros 12 artistas para residirmos juntos no ambiente virtual e criar de forma colaborativa o seu **Jardim Mineral**.

O processo de construção de um jardim leva tempo. Há de se considerar o terreno, as espécies, os insetos, e por que não, as pragas?

Mas do quê e como seria feito o nosso Jardim Mineral se cada pessoa estava em um canto do mundo e o acervo de minerais no museu? O diálogo se desenhou com a junção da arte, da ciência da terra e da tecnologia. Divididos em três grupos de criação - **site-specific**, **nativo digital** e **escrita criativa** - navegamos durante 10 semanas no acervo do museu a fim de encontrar uma poética verbo-visual.

A experiência de escrever sobre arte não me é nova, mas para este processo tão imersivo convidei alguns dos meus poetas favoritos para que me acompanhem neste *ensaio sobre flores de gema, bichos de metais e pedras que cantam*. Este texto se destina a toda pessoa que tem interesse em processos criativos em artes visuais e também em mineralogia.

Escolho minhas perguntas primeiras e parto para a viagem por entre minerais: O que pode haver de flores, bichos e arte em minerais? O que pode um artista plantar em um jardim de minerais? Descobriremos.

Jardim mineral, 2021. MM



aqui  
nesta pedra  
alguém sentou  
olhando o mar  
o mar não parou  
para ser olhado  
foi mar  
para tudo quanto é lado

(Leminski)

Eu era uma garota quando estive em um Museu pela primeira vez, aos 14 anos. Não fosse aquela excursão da escola talvez meu destino com as imagens fosse outro. Naquele passeio adolescente e pueril meus olhos deslumbraram-se pela primeira vez com a Arte. E não só os olhos. O cheiro de madeira antiga do casarão que abrigava o acervo do Museu Hansen Bahia em Cachoeira e o cheiro de charuto do Centro Cultural Danemman, em São Félix, ambos no Recôncavo baiano, nunca me saiu da memória. Assim como o som do vazio latente da sala de exposição de artefatos e ornamentos da Ordem Terceira do Carmo. Meus sentidos foram todos manifestos. A Arte era tudo aquilo? Eu me perguntava.

Alguns anos depois e outros museus na lista de visitados, era chegada a vez de conhecer, em um contexto absolutamente novo dada a pandemia mundial, o Museu das Minas e do Metal, um museu de ciências da terra, diferente de tudo que eu já tinha visto em expografia. Desta vez, a visita guiada ficou por

conta do espaço virtual e da minha capacidade de imaginar texturas, cheiros e sutilezas. Uma experiência marcada pela mediação por tela digital e 1000 km de distância. Já no primeiro momento da visita, encontrei alguns fragmentos de respostas. Eu que sempre preferir visitar toda a exposição, ler o material gráfico e curatorial disponível e só depois procurar um(a) mediador(a), me vi ativa em um processo novo e necessário. A mediação ao vivo, em tempo real, com a curadora de Geociências do Museu, Andrea Ferreira, me levou para uma viagem com escalas pelo tempo entre minas e metais. A cada expositor apresentado minha criança interior que sonhava com um telescópio para ver o espaço do quintal de casa, gritava. A possibilidade de interagir com Andrea fez toda diferença no conhecimento dos minerais do acervo e me conectou com referências da arte. Era possível criar bicho-arte.



Lygia Clark. *Bicho linear*. 1960

Como pesquisadora em Artes Visuais é a primeira vez que penso formas a partir de um acervo mineralógico e minha memória se

esforçou ao máximo para buscar dentro do meu repertório visual, obras e artista já houvessem dialogado com aquelas matérias. Os *Bichos* de Lygia Clark, criados a partir de placas de metal polido e montados como dobraduras foram os primeiros a aparecer. A série de esculturas vivas e tridimensionais criada nos anos 60 integrava o movimento neoconcreto no Brasil e é considerada por muitos historiadores e críticos de arte, a melhor produção da artista. Para Lygia, seus bichos eram “um organismo vivo, uma obra essencialmente atuante. Entre você e ele se estabelece uma integração total, existencial. Na relação que se estabelece entre você e o Bicho não há passividade, nem sua nem dele”. O material utilizado - metal polido - e a forma como *Os Bichos* eram compostos, possibilitava que o espectador pudesse ser um participante interativo da obra e embora não tivesse a intenção de ser uma obra cubista, as formas geométricas criavam uma ligação estética muito próxima a este movimento de vanguarda.

A referência a obra de Lygia era só o começo do meu percurso iconográfico. Para construir o jardim mineral a que nos propomos, era preciso ir mais a fundo, conhecer as camadas da terra. A professora Lucia Fantinel<sup>3</sup> dirigiu, ao longo da Residência, aulas e conteúdos sobre a ciência da terra como quem possui um mapa que nos conduz ao tesouro.

Perceber a geodiversidade dos minerais me fez perceber também a diversidade dos processos criativos. E ali eu me vi diante de uma eufórica descoberta: **o grande artista do acervo mineralógico é o tempo**, embora a maioria de nós tenha conhecido os minerais pela ação exploratória do homem na natureza. É a partir de suas transformações ao longo dos anos que os minerais vão sendo naturalmente esculpidos, bordados, enfeitados, desenhados, lapidados.

há coisas que ficam pelo meio  
e digo isto não sobre  
o gesto inacabado  
a validade vencida  
os amores já atravessados.  
digo é da geografia das coisas.  
da localização do que não está  
no início e nem no fim  
o que fica no entre das extremidades.  
digo é da geografia das coisas.  
da localização do que não está  
no início e nem no fim  
o que fica no entre das extremidades.  
e digo isso da geografia das coisas  
para dizer da cor dos teus olhos  
que não é castanho nem vermelho  
está no meio, entre o mel silvestre  
e o açúcar queimado.

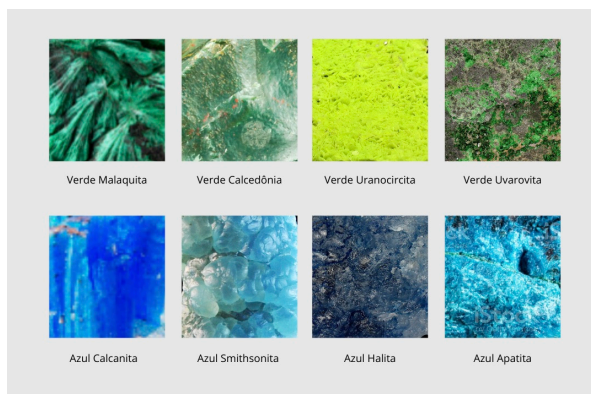
(Tatiele Café)

---

<sup>3</sup> A professora Lúcia Fantinel é geóloga e foi uma das interlocutoras da Residência Artística, ministrando aulas sobre a ciência da terra. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1452219159682906>



Como no poema acima, na poesia, nós os escritores, somos capazes de criar uma nova cor apenas juntando palavras. E eu não escondo meu entusiasmo para falar das cores que foram encontradas por nós nos minerais do acervo. Azul celeste, azul marinho, verde mar, e verde água são algumas das variações que encontramos nas paletas cromáticas da natureza. Mas é possível ir muito além.



Cores encontradas em minerais do acervo MM Gerda.



Calcanita. Acervo MM Gerda.

Entre cristais, calcitas, turmalinas e uma infinidade de minerais, não apenas as cores me despertaram possibilidades visuais, o novo vocabulário também. A criação a partir da matéria poderia se deslocar por caminhos

outros que não apenas o da matéria física, mas também pelo caminho verbo-visual, mas o que mais poderia haver em nosso Jardim Mineral? Busco na memória.

Desde muito criança a ideia do jardim como um território sagrado povoava meu imaginário. É possível que a história bíblica de Adão e Eva no Éden tenha sido a primeira história com jardins de muitas pessoas ao redor do mundo. A palavra jardim vem, desde lá, decorada com flores, folhas e insetos felizes. Até aqui, todas as vezes que pensei em jardim ele era feito de primaveras. Mas por que primavera se o que deixa de existir nas outras estações são as flores? Se galhos, troncos, bichos e até espreguiçadeiras permanecem inalteradas pela ação do tempo?

eu, que não sou flor que se cheire  
recebo teu afago felino  
e amoleço minhas pétalas  
para que alcances o néctar doce e fresco  
porque sou feita de água...ardente  
se bem tomada de dou porre  
para que tenhas sede  
e volte a me tomar pelos braços, verdes talos  
sem medo dos espinhos.

(Tatiele Café)

Primavera porque os jardins também fazem parte do nosso imaginário de criança com princesas e contos de fadas com seus castelos imponentes. Não a toa que ainda hoje o Castelo de Versalhes na França e seu esplendoroso jardim construído durante o reinado de Luís

XIV é um dos maiores pontos turísticos do mundo. A história conta que, influenciado pela crença de que os jardins eram a mais pura expressão de poder e beleza da época, o rei encomendou do jardineiro André Le Nôtre cujo trabalho começou em 1662 e se estendeu até sua morte em 1700, a construção do mais imponente jardim planejado com cerca de 12 sub-jardins, labirintos, bosques, pomar, lagos, esculturas e fontes. Para ele, a construção do jardim era uma forma de impressionar os visitantes do Palácio com seus ornamentos, estátuas e formas geométricas.

Na História da Arte do ocidente, a presença dos jardins é fortemente marcada pelos artistas que inauguram no século XVIII, na Europa, o impressionismo, tendo o pintor Claude Monet como um de seus maiores representantes. O interesse pela luz e pelas nuances provocadas por ela o levou a pintar ao ar livre e se tornar *pintor de paisagens*, e foram os jardins que consagraram sua obra. Hoje, pertencente a *Fondation Claude Monet* em Giverny na Normandia, os Jardins de Giverny abrigam a grande época do impressionismo europeu. De 1883 até sua morte em 1936 Monet pintou, entre papoulas e macieiras, cerca de 250 telas inspiradas na paisagem construída por ele e seus fieis jardineiros, - aproximadamente oito jardineiros trabalhavam diariamente em sua manutenção do espaço - dentre elas, a série *Les Nymphéas* ou “*Os Nenúfares*” que também retrata a perda da visão de Monet desde o princípio com a doença de catarata. A paixão de Monet pela paisagem

era tão intensa que chegou a importar diversas espécies de flora de outros países como lírios do Egito e América do Sul. Um de seus jardineiros era encarregado de todas as manhãs tomar um pequeno barco e passear pelo lago limpando a poeira de cada lírio d’água.

O contato de Monet com os jardins surgiu da sua interação com a arte japonesa que colecionava. O *japonismo*, termo como ficou conhecida a influência da arte japonesa no continente europeu, teve sua aparição com a colonização britânica no século XIX. O estilo representou uma revolução figurativa na pintura e arquitetura da Europa com a estética ornamental que retratava paisagens.

O universo botânico não exerceu influência estética apenas nas artes visuais, aqui no Brasil, a literatura de Manoel de Barros, um exímio adorador das miudezas da terra fértil com seus bichos minúsculos, fez de sua poesia única e mundial. O olhar habilidoso para perceber sutilezas narrou um Brasil rural, simples e cheio de **bicho-poesia-flor-poesia-planta-poesia**.

Criar a partir da história da terra, com seus milhares de milhares de anos, poderia garantir aos artistas envolvidos neste processo criativo uma viagem milenar sobre o tempo e possibilidades infinitas de criação, o que demanda uma curadoria precisa de técnica, poética e recorte conceitual dentre tantos desdobramentos possíveis. A ideia de criar um jardim a partir de um acervo de minerais me soou inédita, e a possibilidade de articular arte, ciência e tecnologia me incentivou a inscrição

no Programa CoMciência 2021 com muitas expectativas. A novidade de conhecer um acervo mineralógico e a possibilidade de residir de modo virtual, em salas virtuais, com artistas de verdade, me fez querer ser parte do projeto com este ensaio. Se por um lado toda experiência me soou inédita, por outro me fez refletir mais uma vez acerca dos espaços das artes visuais. Seria possível construir de forma coletiva estando em lugares diferentes do mundo?

casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.  
um homem vai devagar.  
um cachorro vai devagar.  
um burro vai devagar.  
devagar... as janelas olham.  
eta vida besta, meu Deus.

(C. Drummond de Andrade)

Durante minha pesquisa de mestrado, em 2016, minha discussão girava em torno das transformações e do modo de produzir e distribuir obras de arte, em especial, nas cidades que não faziam rota do circuito cultural. Eu me perguntava se navegar no *ciberespaço* era preciso. A partir das múltiplas transformações que ocorreram no mundo das mídias, através da transição dos meios analógicos para o digital, as atividades humanas ganharam novas ferramentas e configurações no modo de criar, produzir e expor produtos e serviços. Como um ambiente

definitivamente aberto, o *ciberespaço*, junto com a *internet*, ampliou consideravelmente as vias de conexão e compartilhamento entre usuários da rede *web*. Neste espaço digital, ambientes específicos, aliados a ferramentas também específicas, profissionais de distintas áreas passaram a fazer uso de uma nova forma de comunicar para aproximar o público do seu conteúdo.

Nas artes visuais a noção de espaço do artista esteve, em sua primazia, atrelada a duas áreas simultâneas: a de criação e a de veiculação. Como espaços de criação podem ser descritos aqui os ateliês, as oficinas, as academias de belas artes e as residências artísticas; e como espaço de veiculação os museus, galerias, salões de artes, a própria crítica de arte, os curadores e intelectuais, e a mídia especializada

No entanto, além do advento da tecnologia digital em todos os mercados na última década, a pandemia da covid-19 inaugurou uma participação obrigatória e instantânea em um ambiente virtual híbrido onde todos os espaços instituídos das artes tornaram-se uno, digital e virtual. Com galerias, museus e espaços expositivos em *lockdown* o artista também se voltou para dentro, em uma metáfora profunda e íntima da vida. Um dentro que é casa, mas que também é ofício. O ambiente digital se tornou uma extensão dos ateliês e estúdios.

Ao escrever *devagar... as janelas olham*, Drummond o fez como se soubesse das janelas virtuais que abrimos ao longo de 18

meses de isolamento social e durante as 10 semanas da imersão no Programa CoMciência. Uma Residência Artística em seus moldes tradicionais propõe ao artista, deslocamento, hospedagem e um espaço de criação e diálogo com outros artistas. E uma Residência Virtual? Como transferir toda essa experiência de deslocamentos-vivência-criação para uma sala virtual?

a vida para  
e em cada passo  
há um espaço  
entre o nó e o laço  
entre o que eu fiz  
e o que eu faço  
entre a inteireza  
e o bagaço...  
a vida passa  
a leveza do algodão  
ou a dureza do aço  
a vida passa  
e no impasse  
a eterna trama  
do quase...

(J.C. Vaz)

Entre março de 2020 e novembro de 2021 vimos nascer projetos digitais em diversos formatos sensoriais; alguns adaptados a grosso modo para o contexto da pandemia, os que já

nasceram dentro deste contexto e outros que utilizaram do conceito de produção híbrida, como o próprio Programa CoMciência. Vimos nascer também uma nova forma de distribuição de arte no mercado digital com o surgimento da *cripto-art*, ou arte criptográfica, isto é, uma arte digital com um código único anexado a ela, o que permite que lhe permite ser uma obra exclusiva, não reproduzível, assim como uma pintura em tela única feita a mão.

O diálogo durante a Residência se desenhou com a junção da arte, da ciência da terra e da tecnologia. A curadoria elegeu três grupos de criação em *site-specific*<sup>4</sup>, *nativo digital*<sup>5</sup> e *escrita criativa*<sup>6</sup>. E assim fizemos a nossa jornada em busca de bicho-arte-flor-arte-planta-arte. Como pesquisadora teórica em artes visuais, compreender o processo criativo de um artista é um privilégio para quem escreve sob o seu resultado final. Vivenciar um pouco do percurso criativo de cada artista residente desde escolha do tema, discussão e seus materiais ampliou minhas perspectivas sobre técnicas e processos em artes visuais, em especial, a partir do digital. Dentre os formatos de trabalho incentivados para as modalidades de criação nativo digital, por parte da curadoria, a produção de **imagem** poderia se delinear por obras como arte algorítmica, arte em código, arte generativa, net-art, glitch-art,

---

<sup>4</sup> *Site-specific* ou sítio específico é o termo usado para designar obras artísticas que são criadas para ambientes específicos e que utilizam as estruturas existentes do espaço na expografia da obra. Edital CoMciência 2021.

<sup>5</sup> É considerada obra *nativo digital*: Obras pensadas para o ambiente digital, que podem ser transportadas para o ambiente da experiência presencial no museu, com uso de linguagens e interfaces diversas. Edital CoMciência 2021.

<sup>6</sup> Para a categoria escrita criativa foi proposta a criação de um ensaio que se debruçasse sobre o acervo para construir uma narrativa verbal.



GIF animado, meme, boomerang, pintura digital, fotografia digital, poesia digital, inteligência artificial, pixel art, cripto arte, aplicativos de arte, filtros em AR e produção **audiovisual** com game-arte, deep fake, animação 2D, game-arte, boomerang, arte sonora; instalação transmidiática animação 3D. Enquanto para *site-specific* obras em formatos como hologramas, esculturas digitais, arte imersiva (AR, VR e MR), performance transmidiática, software art, arte cibernética, bio-arte eram bem-vindas.

Os diálogos mediados inquietaram as ideias mas também trouxeram à superfície uma grande experiência de criação colaborativa. O desafio de um projeto *site-specific* no contexto de uma pandemia foi superado pela abertura gradual das atividades presenciais culminando em obras sensoriais e instalações performáticas instaladas no Casarão Rosa, sede do Museu em Minas Gerais. O duo Mola formado pelos artistas Lucas Bambozzi e Fernando Velázquez (SP) com a obra *Entropia mineral*, Elias Maroso (RS) com *Astroblema* e Mari Fraga (RJ) com *Imagem-Matéria*.

Em nativo digital as produções se encarregam de nos apresentar as múltiplas possibilidades do mundo virtual: Mari Nagem e Thiago Hersan com a obra *Infinitum* criam um *scroll* infinito que nos leva a refletir sobre as infinitas camadas de terra e tempo; Ivonne Villamil, em *Saudades da Terra* extrai poesia sonora de metais; Keila Z com *Notas sobre o comportamento do alumínio* transformou a viagem mineral em sua peça sonora; O coro

dos minerais de Samuel Van Ransbeeck abre espaço para uma experiência interativa digital onde o receptor pode, como um músico, tocar até 10 minerais. Kulúnda o mineral digital com dados visuais e sonoros dos artistas Vamos e Anastácio, aprofunda a memória ao campo de saber ancestral através da escravização do povo Bantu, durante o princípio da mineração no Brasil e Pedro Hurpia apresenta *Aquelas que não estão*. Todas as obras podem ser acessadas no site oficial do Programa CoMciência e extrapolam minha concepção de bicho-arte-flor-arte-planta-arte.

Diante de uma experiência imersiva como esta, muitas inquietamos me tomam após a escrita deste texto. 15 anos após a minha primeira visita a um Museu, revivo outra perspectiva de acesso às artes. Uma perspectiva que é digital, tecnológica, acessível e sobretudo sensorial. O grande criador do método iconográfico, Panofsky, defendia a ideia de que para interpretar a mensagem de uma imagem de arte era necessário familiarizar-se com alguns códigos culturais, uma vez que elas, as imagens, são parte de toda uma cultura. Ao iniciar este breve *ensaio sobre flores de gema, bichos de metais e pedras que cantam* eu me perguntava por que flores me vinham à cabeça ao ler Jardim Mineral? A experiência com Museu das Minas e dos Metais abre, para mim e para todos os artistas interessados nas ciências da terra, um vasto campo de possibilidades criativas, sejam elas sonoras, plásticas, digitais, analógicas e também de pesquisa. Porque não

flores de gema? Por que não cores, pigmentos e texturas minerais? Por que não bichos de metais e pedras que cantam? É possível que, bem lá no fundo, todo este jardim seja um grande quintal de casa, com um quartinho para guardar bagunças, uma bicicleta encostada na parede e uma prosa sobre o tempo.

quando penso memória  
falo da casa de meus avós  
da cerca de arame farpado que guardava a casa  
e arranhava nossas travessias;  
e do chão de terra solta  
que coloria pés e canelas brincantes;  
do cheiro de esterco seco  
e óleo queimado do curral;  
do espelho coberto com lençol  
na chuva de trovoadas;  
das nuvens desenhando bichos  
em um céu azul imenso,  
lá passarinho nunca dançou em fio,  
se balançava era no galho de manga.  
quando eu era menina via palavras nas coisas  
agora que sou moça vejo coisas nas palavras  
quando eu digo memória  
também digo museu  
que pode ser de arte  
de metal, mineral...  
sobre o tempo...  
porque nenhuma memória pára  
enquanto outra caminha.

(Tatiele Café)

.....

## Texto

Tatiele Café é escritora e doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal da Bahia. [tatiele.edu@gmail.com](mailto:tatiele.edu@gmail.com)

## Algumas referências

BARROS, Manoel de. Poesia completa. São Paulo: LeYa, 2013

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: A ideia do cinema. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996

BRAGA, Denise Bértoli. Ambientes digitais - reflexões teóricas e práticas. São Paulo.: Cortez Editora. 2016.

GOMPERTZ, Will. Isso é arte? 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre Cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Ed Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo.. Os lugares da crítica de Arte. São Paulo: Editora Abca, 2005.

LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PRADO, Adélia. Poesia reunida. Rio de Janeiro: Record, 2015

SILVA, Tatiele de Souza. Espaços de produção e veiculação das artes visuais: um estudo nas cidades de Cachoeira e São Félix - BA. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2014.

THORNTON, Sarah. O que é um artista? nos bastidores da arte contemporânea com Ai Weiwei, Marina Abramovic, Jeff Koons, Maurizio Cattelan e outros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

VAZ, José Carlos Vaz. Nas teclas do coração. Santo Antonio de Jesus: Gráfica e Editora União, 2013.

<https://2021.programacomciencia.org.br>

<https://mmgerdau.org.br>